

Reflexões sobre o dualismo psicofísico e suas implicações no cotidiano da Educação Física escolar

Jairo Antônio da Paixão^{1,2}, jairopaixao@yahoo.com.br

1. Faculdade de Minas (FAMINAS), Muriaé, MG;

2. Mestrando em Educação pela Universidade do Oeste Paulista (Unoeste-SP).

Artigo recebido em agosto de 2004 e aceito em setembro de 2004.

RESUMO: O presente estudo tem por objetivo proporcionar particularmente aos acadêmicos do curso de Educação Física uma visão a despeito das implicações decorrentes do dualismo psicofísico na prática pedagógica da Educação Física no contexto escolar.

Palavras-chave: ciência, dualismo psicofísico, Educação Física.

RESUMEN: Reflexiones sobre el dualismo psicofísico y sus implicaciones en el cotidiano de la Educación Física escolar. El presente estudio tiene por objetivo proporcionar, particularmente a los estudiantes del curso de Educación Física, una visión a despecho de las implicaciones en consecuencia del dualismo psico-físico en la práctica pedagógica de la Educación Física en el ambiente escolar.

Palabras-llave: ciencia, dualismo psico-físico, Educación Física.

ABSTRACT: Reflections on the psychophysical dualism and its implications in the daily work of the Physical Education at school. The present study has the aim to provide particularly to the academics of the course of Physical Education, a vision despite

the implications decurrent of the psychophysical dualism in the pedagogical practice of the Physical Education in the school context.

Key-words: science, psychophysical, dualism, Physical Education.

Introdução

Em nossa atualidade, evidencia-se cada vez mais a forma como se dá o trato com o corpo, fato esse que vem reafirmando mais e mais uma visão equivocada de homem, enquanto um ser constituído pelo binômio corpo e mente, em que a ênfase recai sobre os aspectos intelectuais. Essa visão nos remete ao século XVII, com o paradigma cartesiana que foi um dos responsáveis por essa visão dicotômica de homem.

Segundo Porto et al (2004) o corpo, durante boa parte da trajetória humana, foi concebido como uma máquina e esartejado, pois as pessoas entendiam esse corpo como um simples objeto.

A discussão sobre o corpo é um tema muito recorrente na literatura, na qual autores das mais variadas áreas do conhecimento (SANTIN, 1993; ADORNO, 1995; MORIN, 2001) vêm buscando entender as implicações desta visão equivocada de homem e suas implicações na sua vida cotidiana.

Apesar da possibilidade de várias abordagens sobre o conceito dicotômico – dualismo psicofísico –, do corpo, este trabalho pretende analisar essas representações no âmbito escolar.

I – Dualismo psicofísico

Entre as inúmeras e variadas questões que se vêm colocando ao longo da trajetória humana, podemos apontar a indagação sobre nós mesmos, nossa origem e condição humana como sendo uma das mais antigas no decorrer dos séculos (CORTELLA, 2002).

Em algum momento de nossas vidas, terá a expressão dualismo psicofísico deixado de exercer alguma influência na maneira de sermos, na forma de nos relacionarmos com nossos semelhantes, bem como na concepção de mundo que vimos construindo ao longo de nossa existência? Provavelmente, não.

Nesse sentido, não podemos ignorar a forma como o homem se configura no mundo. Que suas manifestações e intervenções na natureza se dão a partir de um corpo. E o mais intrigante é que o entendimento de si mesmo como detentor de uma unidade corporal-mental se apresenta como ponto polêmico, influenciando sobremaneira nosso juízo de valores. Este fato representa, ainda hoje, a base do paradigma cartesiano que vem perpassando toda nossa história e cultura ocidental.

De certa forma, o homem sempre encontrou dificuldades em encarar seu próprio corpo. A filosofia, que até então representava a única forma do conhecimento capaz de explicar todos os fenômenos, entendia o homem como um ser dotado de duas partes distintas e estanques: corpo (material) e consciência (espiritual). A este fato, segundo Aranha (1993), convencionou-se chamar dualismo psicofísico.

A análise desta visão dicotômica de homem nos remete ao século V a.C. com Platão. Segundo este filósofo, antes de encarnar, a alma vivenciou o mundo das idéias, no qual tudo é verdadeiro e perfeito. Posteriormente, por necessidade natural ou expiação de culpa, a alma deixa esse mundo, ligando-se a um corpo que se encontra no mundo dos fenômenos. Assim, a alma se vê prisioneira neste corpo, num mundo formado por sombras ou cópias imperfeitas (ARANHA, 1993).

Assim, fica claro a importância atribuída à parte espiritual em detrimento à corporal. Assim, Oliveira (1990) nos mostra que de acordo com a concepção platônica, essa predominância do intelectual sobre o corporal se dá pelo fato da razão representar a mais alta faculdade da alma. O texto sobre a criação do homem – Gênesis II, 7 – nos elucidam sobremaneira sobre esta situação. “E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente” (1994).

Vê-se que os pressupostos desta visão fragmentada de homem vêm se perdurando ao longo dos tempos, e sua culminância se dará efetivamente nos séculos XVI e XVII, com o advento da ciência. Nota-se que até este período, a visão predominante de mundo era de algo vivo e orgânico (CAPRA, 1982).

Ainda nesta época, a ciência, continuando o autor, firmava-se na fé e na razão, objetivando tão somente “(...) compreender o significado das coisas e não exercer a predição ou o controle” (Ibid., p. 49).

Tem-se então a partir do século XVII, com os avanços metodológicos preconizados por Galileu, a emancipação da ciência e sua gradativa desvinculação da filosofia; na qual “pouco a pouco, desse período até o século XX, aparecem as chamadas ciências particulares (...) delimitando um campo específico de pesquisa” (ARANHA, 1993, p. 73). A partir daí, com a chamada revolução científica, a ciência vai ampliando seu leque de objetivos, se ocupando não só da compreensão dos fenômenos naturais, como ainda do controle e domínio da natureza pelo homem.

Referendando ainda o século XVII, temos o cartesianismo que propiciou não só a consolidação do método científico, como também a idéia dual corporalmente. Assim, na busca pela verdade científica, Descartes desenvolve um método analítico de raciocínio¹. Este método cartesiano como ficou conhecido

1 Para aprofundar essa análise, ver DESCARTES, René. **Discurso do método para bem conduzir a razão e procurar a verdade nas ciências**. Rio de Janeiro: Moderna, 1990.

“(...) fez com que Descartes privilegiasse a mente em relação à matéria e levou-o à conclusão de que as duas eram separadas e fundamentalmente diferentes(...)” (Ibid., p. 55). Assim, Descartes chega a comparar a natureza a uma máquina, estando seu funcionamento sujeito às leis mecânicas como um mecanismo qualquer.

Posteriormente ele estende a idéia de máquina, também ao corpo humano. O corpo então se vê destituído de todas as suas peculiaridades próprias do animal racional tais como: sorrir, amar e odiar. Aspectos esses comuns ao homem e que, por sua vez, transcendem a própria matéria, da qual o corpo se constitui.

Desta forma, o corpo é encarado como uma forma mecânica, podendo ser submetido quando se fizesse necessário, aos devidos ajustes, próprios de uma máquina. Curiosamente, o corpo passa a ser tratado como algo inerte, totalmente passível da exploração e do domínio das técnicas inovadoras, como nos mostra Adorno:

Um mundo em que a técnica ocupa uma posição tão decisiva como acontece atualmente, gera pessoas tecnológicas, afinadas com a técnica. Isto tem a sua racionalidade boa: em seu plano mais restrito elas serão menos influenciáveis, com as correspondentes conseqüências no plano geral. Por outro lado, na relação atual com a técnica existe algo de exagerado, irracional, patológico. Isto se vincula ao véu tecnológico. Os homens inclinam-se a considerar a técnica como sendo algo em si mesma, um fim em si mesmo, uma força própria, esquecendo que ela é a extensão do braço dos homens (ADORNO, 1995).

Esta visão fragmentada acaba influenciando o homem nas diversas áreas e ou setores que compõem sua vida em sociedade. Dentre esses, temos a educação, bem como o comportamento que o homem acaba estabelecendo no processo de adquirir a cultura erudita, no âmbito da escola. Nesse sentido, dentre as áreas do saber que compõem o currículo na escola, temos a Educação Física que, como as demais disciplinas, contribui para a formação do indivíduo.

É fato que, dentre os objetivos da Educação Física, no contexto escolar, a preservação da saúde é tida como ponto importante. Porém, quando tomado como objetivo exclusivo e isolado, provavelmente se estará incorrendo num equívoco pedagógico. Desta forma, sendo o homem uma unidade da diversidade, a educação do físico isoladamente torna-se difícil, uma vez que as atividades trabalhadas pela Educação Física acabam repercutindo sobre a formação das outras dimensões da personalidade humana (BRACHT, 1992).

Conforme Mattos e Neira “(...) na prática fica muito difícil unir o que a tradição cultural do ocidente separou”(2000, p. 20). Apesar deste equívoco a despeito de nossa condição humana, ainda insistimos em preservá-la, o que muito nos afeta.

Essa influência se faz presente nas nossas escolas, as quais reforçam a concepção dualista ao eleger a sala de aula como espaço exclusivo do raciocínio, da inteligência e relega ao corpo apenas o pátio. Uma breve análise é suficiente para detectarmos que ao homem é impossível qualquer manifestação na qual o corpo não esteja vinculado. O simples ato de pensar necessita de um órgão corporal, o cérebro. Assim o professor, numa sala de aula, não tem diante de si somente cérebros para ensinar, lida principalmente com os corpos e nesse sentido, qualquer forma de construção do conhecimento atravessará obrigatoriamente por um canal corporal.

Esses questionamentos nos remetem a uma problemática anterior, que corresponde a forma como se deu a inclusão da Educação Física no contexto escolar. A implantação dessa prática pedagógica se deu oficialmente no Brasil ainda no século XIX em 1851, como nos lembra Darido (2003).

II – O dualismo psicofísico na Educação Física escolar

A Educação Física escolar, como a educação esteve ou está atrelada de forma subserviente aos interesses da classe dominante em nosso país, favorecendo ainda mais a hegemonia desta classe na sociedade². Desta forma, a Educação Física “(...) assumiu funções com diversas tendências: militarista, higienista, de biologização, de psicopedagogização e que ainda hoje permeiam sua prática” (GONÇALVES, 1994, p. 92). A concepção de corpo aqui defendida baseava-se na visão dualista de homem. Seus esforços se convergiam apenas em torno do corpo material. Este, uma vez bem regulado, por meio da prática calistênica, técnicas corporais e hábitos higiênicos, poderia trazer bons resultados no que se refere ao desempenho e rendimento numa dada tarefa ou atividade.

Nesse sentido, corpos saudáveis e obedientes representavam matéria-prima indispensável a uma sociedade em plena expansão. Um aspecto que justificava essa prática era a crença que “(...) o corpo não pensa é pensado, o que é igual a analisado (literalmente, ‘lise’) pela racionalidade científica. Ciência é controle da natureza e, portanto, da nossa natureza corporal (BRACHT, 1990, p. 73).

2 Ver, a propósito, CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil** : a história que não se conta. Campinas: Papirus, 2001.

III – Considerações finais

Percebe-se ainda hoje, a presença das referidas propostas metodológicas de trabalho nas aulas de Educação Física. As concepções médicas e militares, que há muito influenciaram o ensino da Educação Física na escola, viam-na como uma disciplina essencialmente prática, não havendo necessidade de fundamentação teórica (DARIDO, 2003).

Nessa perspectiva, não se deve esquecer, como nos alerta Galvão (1992), de que a Educação Física, uma vez inserida no contexto escolar é sobretudo educação. Desta forma, quando se trata de processo ensino e aprendizagem, assim como ocorre com as demais disciplinas que compõem o currículo escolar, com a Educação Física este aspecto não se apresenta menos importante. Assim, a Educação Física como prática pedagógica, se faz tanto pelo conteúdo cognitivo quanto pela ação motora. É mister a contemplação de ambos no processo ensino e aprendizagem.

Com isso, vão surgindo novas propostas metodológicas no trabalho da Educação Física, como a Desenvolvimentista, Construtivista, Sistêmica e Crítico-Superadora que apesar de apresentarem diferenciações entre si, possuem em comum um ideal filosófico que de homem total, ou seja, o homem visto como unidade, como um ser humano (GALVÃO, 1995).

Isto somado ao desejo em se romper com o modelo mecanicista, bem como a busca por uma formação que venha contemplar o homem inteiro, vem influenciando decisivamente no surgimento de abordagens que buscam repensar o papel e a concepção de homem em nossa atual sociedade. Pois, “enquanto o homem foi apresentado como uma dualidade (...) a Educação Física ficará encarregada, como seu nome diz, de se ocupar da parte física, para prestar serviços à parte mais nobre do ser humano” (SANTIN, 1992, p. 23). Vale aqui ressaltar que não foram poucas as propostas que surgiram nestas últimas décadas e que visam discutir as questões acima mencionadas.

Cabe a nós, educadores, no trato com o conhecimento sistematizado, estarmos sempre subsidiando nossos alunos de ferramentas que venham possibilitar o crescimento de nossos educandos como profissionais e, acima de tudo, seres humanos que vivem em sociedade.

Em nossa prática cotidiana, devemos salientar junto aos nossos alunos, a idéia de mundo que não se restrinja tão somente aos avanços tecnológicos, mas também o mundo como lugar de sentimentos e subjetividades, características inerentes ao homem.

Somente assim, a educação física escolar estará no caminho para tentar superar o dualismo psicofísico, que privilegia tão somente o movimento humano aspecto físico e sim considerá-lo com toda a subjetividade e singularidade próprias desse movimento, pois, o homem é um ser uno, inteiro.

Referências bibliográficas

- BÍBLIA. Português. **A bíblia sagrada**. Tradução de João F. Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.
- ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: MAAR, W. L. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ARANHA, Maria L. **Filosofando** : introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1993.
- BRACHT, Valter. A construção das teorias pedagógicas da educação física. In: **Cadernos CEDES, corpo e Educação**. São Paulo: Unicamp, 1990. v. 48. _____ . **Educação física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CORTELLA, Mário S. **A escola e o conhecimento** : fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Cortez, 2002.
- DARIDO, Suraya C. **Educação física na escola** : questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- GALVÃO, Zenaide. Educação física escolar: transformações pelo movimento. In: **Revista Motriz**. v. 1, n. 2, São Paulo: Unicamp, 1995.
- GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar e agir-corporeidade e educação**. Campinas: Papyrus, 1994.
- MATTOS, M. G; Nieira, M. G. **Educação física Infantil** : construindo o movimento na Escola. São Paulo: Phorte, 2000.
- MORIN, E. **A cabeça bem-feita** : repensar a reforma, reformar o pensamento. 4 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- OLIVEIRA, Admarildo S. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Loyola, 1990.
- PORTO, Eline et al. Corporeidade e ação profissional na reabilitação: (des)encontros. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 25, n. 3, p. 7-16, Campinas, 2004.
- SANTIN, Silvino. **Educação física** : temas pedagógicos. Porto Alegre: Suliani, 1992.
- _____. **Educação física** : outros caminhos. Porto Alegre: EST/ESEF, 1993.